REFLETINDO:

EROS

LEONARDO TORRES

REFLETINDO

EROS

LEONARDO TORRES

© Leonardo Torres @psiarque
www.psiarque.com.br

Este livro é protegido por direitos autorais.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Torres, Leonardo
Refletindo Eros [livro eletrônico] / Leonardo Torres. -- 1. ed. -- Caxias do Sul, RS : Ed. do Autor, 2024.
PDF

Bibliografia.
ISBN 978-65-00-96476-9

1. Amor (Psicologia) 2. Psicologia 3. Relações afetivas 4. Relações amorosas I. Título.

24-197133 CDD-152.41

Índices para catálogo sistemático:

1. Amor : Arquétipo : Psicologia 152.41

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

SUMÁRIO

SUMÁRIO 4

PREFÁCIO 5

O TOQUE E O TOUCH 7

PAIXÃO 12

EXTRAÑAR E APAIXONAR 19

CIÚMES 26

SEU PARCEIGO GOSTA DE JILÓ? 32

RELACIONAMENTOS 39

NINGUÉM PASSA ILESO 47

PREFÁCIO

Afinal, o que é o amor? “Estar apaixonado, muitas vezes, é estar sentindo o amor, a embriaguez e o pânico de Eros, Dionísio e Pan em nós” (Torres). O amor é um descontrole, uma insanidade, algo que nos toma de sobressalto. É um raio que nos parte em um meio-dia de uma quarta-feira chuvosa. As vãs tentativas de entender esse sentimento-acontecimento nada passam do desejo de conceituar, literalizar, construir um solo para aterrissar nosso corpo-céu vacilante. Acontece que o amor quer asas e não se contenta em afundar seus ligeiros pés na terra. Na modernidade, o que temos visto, é o pânico diante das flechas de Eros, o desejo de controle e estabilidade que nos levam a querer cortar, podar e domar essas mesmas asas. O que temos, então, são asas manchadas de sangue em um vermelho mais vivo do que nunca. A morte do amor na sua expressão de apaixonamento puro e espontâneo. Queremos um outro igual, idealizado, que goste das mesmas músicas, filmes, comidas e lugares, que vista essa ou aquela roupa e encarne essa ou aquela persona, com corpo escultural e currículo Phd. Vivemos a era da plastificação do

amor, à procura por algo que seja instagramável. Queremos um outro que caiba em nós e nunca transborde. Entretanto, o amor não seria justamente o oposto? Segundo Byung-Chul Han a sociedade do sucesso e da performance não cede lugar à alteridade, ao diverso, ao que me estranha e, por isso mesmo, me fascina. E, assim, nos perdemos e nos perdemos do outro – e não mais no outro. Procuramos espelhos e não encontramos (tempos de black mirrors). Nesse trágico contexto, chegamos facilmente à conclusão última: melhor, talvez, ficar sozinhos e viver uma juventude que não finda, sem compromissos, sem ônus, sem riscos, não é mesmo? Mesmo assim, quando menos esperamos, somos flechados em uma ferida que não se fecha. Por isso tudo, e mais, Jung nos ensina que o amor custa caro e nunca deveríamos torná-lo barato. Mas e você: tem tido coragem de amar?

Gabriela de Oliveira Torres

1.
O TOQUE E O TOUCH

Vivemos em uma sociedade que valoriza o "touch" em detrimento do "toque". Já é hora, se não passou dela, de questionarmos nossa relação com os dispositivos eletrônicos (celulares, tablets, etc.).

Pode ser que estejamos utilizando esses dispositivos de uma forma que prejudique a interação entre nós, seres humanos.

O sucesso das redes sociais é incontestável. Recentemente, o Facebook alcançou a marca de mais de 1 bilhão de usuários. O WhatsApp foi um dos principais influenciadores nas decisões das eleições brasileiras. Existem redes soci-

ais especializadas em fotos, vídeos, relacionamentos, entre outros.

Mary Meeker, uma estudiosa do uso da internet no mundo, indica que uma pessoa comum passa cerca de 7 horas por dia diante de telas eletrônicas. Não é raro, nos dias de hoje, alguém verificar as atualizações de suas redes sociais ao acordar, buscando saber sobre comentários, curtidas ou compartilhamentos recebidos na noite anterior. Também não é incomum o desejo da nova geração em se tornar um youtuber.

Estamos buscando interagir mais, seja no âmbito pessoal ou profissional, através das redes sociais. Mais uma vez, o WhatsApp serve como exemplo. Estamos trabalhando mais e em horários flexíveis graças a esse aplicativo. A política de "trabalhe quando quiser" de algumas grandes empresas, na verdade, muitas

vezes se traduz em trabalhar a todo momento.

Se dedicamos horas às telas, perdemos horas de interação direta. Como fica o "toque" nesse cenário? E o abraço, o beijo, o perfume do outro, o cheiro da pele, o olhar nos olhos, sentir a presença do outro, tocar sua pele, a empatia, a alteridade? São negligenciados.

Estamos vivenciando um isolamento do "toque", incentivado pelo “touch". Ou seja, estamos substituindo o corpo, todas as sensações e emoções que ele nos oferece, pelos conteúdos das redes sociais. Por exemplo, no Japão, cerca de 500 mil pessoas, entre 15 a 39 anos, se isolam em casa por meses, um fenômeno conhecido como Hikikomori.

Além disso, a American Urological Association, em Boston, investigou a relação entre o consumo de pornografia e a

disfunção sexual em homens de 20 a 40 anos. O toque na tela e o toque na pele.

Joseph Alukal, um dos líderes do estudo, afirma que quanto mais os homens consomem pornografia, menos se interessam pela interação sexual real.

No nosso dia a dia, o "toque", além de desvalorizado, é violado. Diariamente, nos transportes públicos, somos forçados a tocar em desconhecidos, sentir seus cheiros, ser empurrados e, às vezes, até empurrar. Casos de assédio são ainda mais radicais e inaceitáveis.

Além dos transportes, as interações com vizinhos e a comunidade em grandes cidades como São Paulo estão se tornando cada vez mais raras. As praças, principais locais de interação social, estão cada vez mais escassas e degradadas, com as revitalizadas oferecendo o luxo do Wi-Fi.

Depois de horas no transporte e a falta de espaços para interação social na cidade, não conseguimos nem desejamos mais tocar ou ser tocados. Fugimos novamente para as redes sociais digitais.

O fato é que nosso tempo é limitado. Se estamos no "touch", não estamos no "toque", e vice-versa. É necessário encontrar um equilíbrio entre os dois. Devemos, então, reduzir um pouco o uso dos dispositivos e observar mais atentamente nossos laços e nossos corpos.

Somente assim, as risadas que doem a barriga, provenientes de experiências únicas com amigos nos momentos de lazer, e a comunicação mais complexa da humanidade, o amor e o ato de fazer amor, estarão protegidos.

2.
PAIXÃO

Escrevemos tanto sobre a paixão e tentamos explicá-la tanto quanto foi insuficiente esta empreitada para entendê-la. De autores mais consagrados e suas inspirações momentâneas até aqueles casais apaixonados que vimos no metrô e que nos afetaram de algum jeito.

Ainda tem aquela famosa frase que sempre nos perguntamos: como saber se estou apaixonado? Basta sentir o deus atravessando.

Eros, como Cupido, é tanto um deus quanto um demônio (assim como todos os outros, claro) – brincando de criar namoros, destruir casamentos, inspirar obras expressivas artisticamente e inci-

tar guerras (lembremos da Guerra de Troia). Seria arrogância escrever aqui sobre as flechas de Eros e ele mesmo. Como descrevê-lo completamente?

Podemos imaginar somente a partir da consciência: um envenenamento (perceba Vênus agindo aqui) pela flecha, provoca um pensamento obsessivo e inexorável, um sentimento unilateralizante e viciante, uma sensação enganosa que percebe o amante em tudo e em todo lugar, bem como uma explosão de hormônios, lubrificações e taquicardias; e uma intuição paranóica, sincronística e fantasiosa. A verdade é que a mulher e o homem apaixonados são irreconhecíveis.

Vale percebermos que esta descrição não parece o encontro entre duas pessoas, mas entre um mortal e um imortal, entre o humano e o divino. É, sem dúvidas, um apagar da racionalidade medío-

cre e incapaz à qual a humanidade se agarra tanto, em prol da irracionalidade aterrorizante e deliciosamente vertiginosa.

É o deus alado nos abraçando, assim como fez com Psique, e nos arrastando para os céus e para os infernos. Neste momento, inspirando-se em Kierkegaard, podemos compreender o quanto a angústia (angst - como aperto e abraço) é uma liberdade e como a liberdade pode angustiar.

Paixão do grego provém de "Pathos": sofrimento e afeto. E além de paixão, cria palavras como "patologia", "patético" e diversas outras palavras. Como não é possível descrever o que é a paixão, Eros e suas flechas, só podemos compreender que ela é um afeto, um sofrimento, chegando a adoecer e nos colocar em uma posição que muitas vezes

consideramos patética. Paixão: o que a Psicologia Analítica pode dizer.

E a maneira que concebemos a ideia de patético (ou de apaixonado) faz a maior diferença. Os patéticos que se entregam à paixão de Eros, isto é, às risadas, choros e fantasias de luz, sombra e eróticas, compreendem e honram a passagem do deus, colocando-se no lugar de humano, de mortal e venerando e respeitando a passagem vertiginosa descrita acima.

Para o humano, nunca é fácil, mas é possível aprender a ser um mediador do que ali provém: as expressões mais belas e impactantes são fecundadas por Eros.

Para indivíduos que estão mais inflados, ligados ao racionalismo, e também aqueles mais materialistas, possessivos e controladores, que tratam o outro como objeto e que jamais olharam para

dentro de si; ao sentir o patético em si, sentem-se também humanos, mas este sentimento de mortalidade e de entrega lhes é inconcebível. Não renunciando à sua inflação, o que lhes resta é a tentativa falha de controlar a paixão, possuir o amante e tentar acorrentar Eros a fim de acabar com a sua passagem e o que dela pode provir.

Para estes, o Mistério é o pior inimigo. A meia luz erótica parece-lhes perigosa demais. E talvez seja mesmo.

Se para todo controlador existe um controlado, para todo possuidor existe um possuído, temos que tomar cuidado para que a entrega à patetice não seja feita ao humano do outro lado. Isto é, acabamos também por crer que o deus do Amor é o outro ser humano, o outro patético. Ledo engano. Quando isso ocorre, acabamos por renunciar à personalidade em nós para viver de acordo

com as expectativas do outro. Rebaixamo-nos, subjugamo-nos. Para este outro, o mundo nunca fora tão confortável: sente-se completo, visto que agora parece que ele se relaciona concretamente com sua anima ou animus. O que torna tudo muito mais infantil e ilusório para o possuidor.

Esse tipo de entrega parece o mesmo que entregar-se a Eros. Mas, por não ser o mesmo, tem seu preço. Uma hora ou outra, Eros cobra tal veneração errônea. Arranca a flecha do peito do apaixonado e o outro que lhe parecia o deus torna-se não mais apaixonado, mas um ser aproveitador dos sentimentos.

O que podemos depreender disso tudo é que qualquer tentativa de evitar uma paixão é impossível. Ela deve ser vivida e venerada de maneira que não a coloquemos em outro ser humano, mas que

compreendamos que ela é uma imago dei e que por si só já se basta.

Por isso, a relação entre os humanos é sempre trinária: eu, o outro e Eros. Reconhecer o mundo interior e seus seres são de extrema importância aqui. A compreensão da paixão não se esgota aqui, mas pudemos entender que ela é um arrebatamento do eu inflado ao patético humano.

Ela nos coloca em nosso devido lugar. E por isso mesmo, nada de meias medidas, nem meios entusiasmos.

3.
EXTRAÑAR E APAIXONAR

"Extrañar" em espanhol significa sentir saudade, falta e também admirar, afinal, para se admirar é necessário que o outro esteja em um lugar diferente do nosso. Sentimos saudades de pessoas queridas, que já se foram e daquelas que deixaram nossas vidas e não olharam para trás. Mas, não é sobre isso que escrevo. Escrevo sobre aquele estranho ou estranha por quem sentimos saudades e admirações imensas.

Aquela pessoa que, frequentemente, pega o mesmo ônibus ou metrô que você. Quanta saudade ou admiração pode surgir disso, e do nada?! O caso do transporte público é maravilhoso, acabamos por tentar embarcar no mes-

mo horário, só para conferir se a pessoa também embarcará. "Será que ela irá me perceber?", pensamos.

Admiramos de rabo de olho seus olhos estranhos, sua boca estranha, a forma de se sentar, suas roupas; como seria sua risada, o que o estranho estaria pensando neste exato momento. Se por um acaso os olhos se cruzam, desviamos, fingimos que nossos olhos somente estavam vagando pelo transporte público e jamais estariam fixados no estranho. Nessas horas, acabamos por nos pegar indagando: "pareço o Joe do seriado". Sem dúvidas, um pouco, somos.

Se um breve encontro sem diálogos já nos deixa assim. Imagine passar uma noite de entrega, conversando, refletindo, rindo e fazendo amor com o estranho. O que pode surgir daí senão a ferida mais pesada a ser carregada: a flechada de Eros, o deus do Amor. Tam-

bém pode nada surgir, isso, entretanto, não vem ao caso neste momento. Neste encontro, passaram-se somente horas e a vontade de nunca mais deixar o estranho já está vasculhando as veias dos nossos corpos. E como o coração nos ajuda a bombeá-las, alimentando-nos com fantasias jamais vistas e sensações únicas!

Não preciso me delongar mais, pois aqui já nos deparamos com nossas memórias. A paixão, o amor ou o que quer que seja, pois estou colocando tudo num balaio só em defesa da não conceituação do Amor, é caótica e é invocada em nossas almas. Somente uma coisa sabemos, Eros, o destruidor de casamentos, o incendiário de cidades, o monstro-marido de Psiquê, acabou de deixar a sua marca.

Então o estranho toma seu rumo. O rapaz ou a moça vão para suas casas, o

passageiro desce do ônibus. O silêncio toma conta de uma forma tão sagrada quanto diabólica. As fantasias ficaram em nós. Parecem ter vindo do próprio estranho, de alguma maneira estranha, num piscar de olhos. Como se ele fosse o possuidor das fantasias. Então, acabamos por sentir falta do estranho, isto é, extrañar o estranho.

A ferida não foi aberta à toa. Que encontro necessário! Contudo, as fantasias que da ferida surgem não são de posse do estranho, talvez ele sequer soubesse um dia de tudo aquilo que nos invadiu. Talvez sejamos loucos o suficiente para contar, assim como outro rapaz do seriado que roubou uma trombeta azul para sua amada.

As fantasias já estavam em nós, mas escondidas. Eros somente abriu o caminho para elas pululare m na consciência. Ficaram lá escondidas, fazendo pressão

para serem aceitas. O que as reprimia? Podemos nos perguntar. Ora, as demandas da história pessoal, da sociedade e até da família poderiam negligenciá-las veementemente. Fazendo-nos acreditar que elas eram errôneas e maléficas. Quantos de nós já não escutamos e fomos reprimidos ou nos repreendemos por estarmos apaixonados e sofrendo? O conselho geral é manter-se na superficialidade das conexões que podem se romper rapidamente e atingir o gozo na fricção genital. Para que se preocupar com os vínculos, as emoções, sentimentos e fantasias? Muitos pensam: "isso não leva a caminho algum". Em minha opinião, sou um devoto de Sandman.

Ainda, se o Destino quiser, Eros pode também ter aberto uma ferida no estranho, criando assim uma alquimia de humores, calores, saberes, sabores, cores e amores. Ambas as feridas abertas é

como a arte de cozinhar: um e outro acrescentam ingredientes. Por vezes, o molho sai divino e harmoniza com o vinho, outras explodem de forma diabólica, isto é, do grego, διάβολο, aquilo que separa. Isso não significa que temos que almejar um ou outro. O melhor molho, para mim, é aquele divino que borbulha e explode na boca (com pitadas de manjericão e pimenta).

A ferida de Eros não é qualquer ferida, vale a ressalva, é aquela que nos coloca em queda. Tampouco é rasa. É um precipício, um abismo. O chamado "fall in love" em inglês. Temos medo do abismo, do espanto, do mistério. Seria bom, no entanto, lembrar que não é a queda que mata o indivíduo, mas a aterrissagem. No fundo, somos uma mescla da queda e da aterrissagem: temos asas mas queremos os pés no chão, aterrados. Talvez Ícaro tenha nos ensinado isso. Parafraseando o mito: nem tanto

aos céus, nem tanto ao chão. Eis a antinomia da árvore, seus galhos alcançam os céus na medida em que vascularizam suas raízes aos infernos.

Sem juízo qualquer de valor, tornamo-nos precipitados, palavra ensinada a mim por uma paixão, vem do precipício, ao nos defrontarmos com as fantasias que provêm do abismo sem fim. Se lançarmos o olhar para o universo, nunca deixamos de ser precipitados, o que é um universo senão uma queda dançante das galáxias, das estrelas e dos planetas para o mistério, para o infinito? E quem disse que na queda em Amor também não podemos dançar? Essa é a dança das fantasias do Amor, na sede, na fome e na satisfação de amar e ser amado.

4.
CIÚMES

O amor sempre foi uma das grandes questões da humanidade. Sigmund Freud (à sua maneira), Carl Gustav Jung, Nise da Silveira já afirmaram há muito tempo que o amor per se cura, já outros autores como Charles Bukowski tendem a acreditar que ele destrói, e ainda, outros, como Z. Bauman, afirmam de forma crítica que o amor perdeu-se e foi transformado em algo mais efêmero e menos profundo. Mas, como entender ciúmes e psicologia?

Muitos ficam divididos entre um ou outro autor para entender o fenômeno do amor, porém, apesar dos paradoxos não serem convidativos à racionalidade hu-

mana, é necessário entender que todos esses autores podem estar corretos e que o amor agrega todas essas características.

Os gregos antigos categorizaram sete tipos de amor: philautia (amor próprio); pragma (amor pragmático); ludus (amor lúdico e efêmero); philia (amor de amigos e irmãos); e eros (paixão, desejo, romance).

Eros é o mais travesso de todos e o mais avassalador. Lúcio Apuleio é brilhante em descrever Eros como um mobilizador tanto individual quanto coletivo, um destruidor e reconstrutor de cidades, isto é, de nossas estruturas internas. Vale lembrar que essa pulsão destrutiva/criativa dá-se devido às suas flechas que se misturaram com as de Tânatos, certa vez.

Marie-Louise von Franz demonstra que a paixão erótica e seu sofrimento é um dos principais caminhos para o processo da individuação. Quem é flechado pelo deus do amor fica embriagado, em êxtase (não alcoólico). Abre-se aí uma oportunidade de reconhecimento de si. E por isso mesmo, Dionísio e os Sátiros (Pan) vêm dançar no coração do apaixonado. Estar apaixonado, muitas vezes, é estar sentindo o amor, a embriaguez e o pânico de Eros, Dionísio e Pan em nós.

Isso significa que o oposto do amor não é o medo. C. G. Jung, fundador da psicologia analítica, já apontou que o seu oposto é o poder. Enquanto o amor é o eixo horizontal entre indivíduos, o poder é o eixo vertical, de hierarquia. E é aí que existe uma grande questão atualmente: a humanidade está cada vez mais pautada pelo dogma do "ter" e do "parecer que tem". É necessário ter bens materiais, status e até "ter um relacio-

namento". Sem delongas, de fato, possuir algo é uma ilusão, mas é nesta ilusão hierárquica que a humanidade tem se apoiado.

Um relacionamento de paixão pautado pelo eixo vertical faz com que os apaixonados acreditem que são donos do outro indivíduo. E muitas vezes, inicialmente, esta dinâmica encaixa-se perfeitamente, pois este indivíduo coloca-se na posição de posse, de objeto do outro, portanto, em uma posição inferior e acaba aceitando um relacionamento deste tipo.

Vale lembrar que Zelar e Ciúmes possuem a mesma origem etimológica: zelus. Neste tipo de relacionamento de posse, o zelo e o cuidar tornam-se ciúmes, possessão e obsessão.

A ilusão da posse torna-se tamanha que inconscientemente o apaixonado sabe

que é impossível ser o dono/possuidor do outro e, então, tende a inflar a ilusão demasiadamente, chegando a hierarquizar, tratar o outro como objeto e violentar.

O processo da individuação pode passar por este caminho. É necessário atravessar esta dinâmica de possuidor/posse para o possuidor entender que não há como controlar e possuir o outro, bem como aquele que se coloca no lugar da posse deve aprender que não deve se perceber como mero objeto. Ambos, se comprometidos com o autoconhecimento, deveriam sair mais conscientes de um relacionamento como este.

Por isso, vale sempre se perguntar e olhar para os nossosrelacionamentos de todos os tipos: familiares, de amizade e amorosos e perguntar em qual dinâmica

eles estão agindo? Será a do amor ou a do poder?

5.
SEU PARCEIGO GOSTA DE JILÓ?

Meses ou anos se passam de um casamento, de uma amizade ou de uma sociedade. De repente, você e seu parceiro estão na fila do self-service, no almoço rápido para retornar ao trabalho. O companheiro serve-se de jiló – um fruto polêmico.

Surge o comentário na sua mente: "Ué, mas ele nunca gostou disso!". O pensamento se faz voz e o companheiro retruca: "Eu sempre gostei, talvez você que nunca percebeu", ou então "Eu comecei a gostar desde a semana passada". A resposta incomoda ambos, de alguma forma.

Ao sentarem-se, um pensamento fica em você: "Ele nunca gostou e está dizendo que gosta"; e na mente do companheiro: "Que comentário bobo, parece que está querendo controlar meus gostos".

Nesse embate do jiló, existe uma tendência a já se julgar conhecedor(a) daquele outro diante de ti. Julgamento ilusório e propício para manter uma falsa segurança no relacionamento. Melhor seria se perguntar: "Por que eu nunca percebi isso ou por que essa conversa me incomoda?".

A palavra "incomodar" é interessante e não podemos passar por ela sem mais. É uma palavra que nos tira dessa falsa segurança da relação e/ou então que evidencia nossas expectativas sobre o outro. Incomodar tira-nos do cômodo, que pode ser até ampliado como um

compartimento de uma casa, toda organizada.

Tendemos a querer enxergar o outro como um cômodo em nossas vidas. Mas, o incômodo lembra-nos que o outro não é um objeto ou uma ordem, mas um sujeito que possui uma alta complexidade e caos. Que pode ter gostos e comportamentos dos quais você jamais esperaria.

Estar em um relacionamento, seja ele qual for, é um dos maiores desafios e uma das maiores oportunidades do ser humano para promover o autoconhecimento. Reconhecer-se diferente e respeitar essa condição significa que você enxerga o outro e a si. O nome disso é alteridade.

Pode parecer fácil no começo, quando se trata do jiló, contudo, essa tarefa de nada é fácil quando pensamos nos as-

pectos da vida como poupar dinheiro, forma de demonstrar amor, comunicação entre os parceiros, filosofia de vida e espiritualidade.

Todos nós carregamos memórias, sentimentos e afetos que nos dão referência de vida. A correspondência perfeita dessas preferências é ilusória. Por isso, presenciamos muitas pessoas em busca incessante e infrutífera de um par ideal. Temos sim correspondências próximas, mas não perfeitas.

Essa busca incessante pelo par ideal depõe contra a alteridade e nos mantém em um estado psíquico infantil. Levando ao caminho oposto do autoconhecimento. E ainda, pesamos a relação ao acreditar que a frustração que sentimos é da responsabilidade do outro. E o outro deveria mudar. Isso, no entanto, é um mecanismo de defesa. Chamamos isso de projeção. Muitas vezes ela é impor-

tante para mantermos certa integridade da psique, por outras, ela é um impeditivo para os relacionamentos.

Quando, por exemplo, um cliente traz esse tema, gosto de imaginar com ele que existe tanto um(a) parceiro(a) de fora quanto um(a) de dentro. Um reside em sua psique, o outro no mundo de fora. Por isso, mesmo tendemos a confundi-los. Às vezes, tanto o de dentro como o de fora tem a mesma atitude, mas, em outras, são totalmente opostas, gerando frustrações.

Se escutarmos somente o parceiro de dentro, o de fora tende a perder o seu valor. Se escutarmos somente o de fora, perderemos nossa própria referência de vida e ficaremos cegos à alma. Se escutarmos os dois, confrontando e reconhecendo tanto dentro como fora, nos tornaremos mediadores, e poderemos suportar as frustrações quando vierem e

respeitar o parceiro de fora. Gerando, por fim, autoconhecimento e uma relação funcional.

Uma característica pontual do parceiro de dentro é que ele tende a ser incondicional. Tudo o que ele fala para nós é quase uma verdade. E acabamos por acreditar. Ela possui grande animosidade. Isso é importante entender, principalmente, quando o tema é o ciúme. O parceiro de dentro tende a nos convencer que o parceiro de fora está nos traindo, definitivamente. E se escutarmos somente o de dentro sem confrontá-lo, cometeremos os atos mais impensáveis possíveis que o ciúme pode provocar.

Na análise, descobrimos o quanto colocamos de expectativas sobre o outro. Expectativas essas que tendem à comodidade/satisfação quando são supridas, mas tendem também ao temor

quando são frustradas. É por meio desse temor que encontramos o ouro da psique. Reconhecemos quem somos e nos tornamos mais conscientes, assumindo as nossas co-responsabilidades na relação com o parceiro de fora.

Tudo isso é uma corda bamba na qual nos jogamos! A harmonia só vem a partir do confronto com fora e dentro, sempre pelo caminho do respeito. O que surge disso não possui outro nome senão: Amor.

6.
RELACIONAMENTOS

A humanidade hoje vive em um contexto eletroplastificado, como afirmam Waldemar Magaldi e Malena Contrera, em que as relações (amizades, namoros e casamentos) dão-se mais pelas imagens photoshopadas das redes sociais (a persona da persona) do que por uma real relação entre personalidades. Hoje, parece que a relação é a três – não triângulos amorosos, mas a terceira parte, no caso, sendo a rede social. Não à toa, existem pesquisas que demonstram que casais que menos postam nas redes sociais são os mais felizes, já os que realizam mais publicações de si mesmos em momentos românticos tendem a querer legitimar o amor mediante às curtidas,

comentários e compartilhamentos. Nestes casos, os relacionamentos parecem fast-food, consome-se o relacionamento, mas nenhum nutre verdadeiramente. Quase não há mais aquelas reações alquímicas entre duas personalidades que C. Jung menciona. Vale lembrar que existem aplicativos-cardápios em que um indivíduo seleciona o outro, e se ambos aceitarem (darem match), podem partir para a fricção genital.

Quem estuda C. G. Jung certamente deparou-se com a famosa passagem do poder sendo a sombra do amor e vice-versa. Não à toa, no conjunto "Civilização em Mudança", das Obras Completas, C. G. Jung presenteia o leitor com uma complexa análise sobre o século XIX, diagnosticando o momento como autoritário, tempestuoso, bélico e destrutivo, apontando para a emergência da divindade Wotan possuindo a Alemanha nazista.

Neste mesmo conjunto, por outro lado, especificamente no livro "Civilização em Transição", Jung (2013) traz uma singular reflexão sobre o amor e a dificuldade dos indivíduos contemporâneos de se entregarem e mergulharem nele. O amor "exige uma aceitação incondicional e uma entrega total. Assim como o fiel que se entrega a seu Deus participa da manifestação da graça divina".

Isso demonstra que o amor é uma potência que também deve possuir-nos e ser possuída. E deixar-se possuir, principalmente pelo amor, é tudo o que o ego hierárquico e controlador não quer. Não é raro escutar entre amigos e na clínica frases como "e se minha paixão me trair? E se meu amor me deixar? E se eu for passado para trás?" como se o indivíduo já se colocasse em uma posição inferior ao ser amado, ou seja, em uma posição hierárquica, portanto, revelando assim não uma relação amorosa, mas de

poder. Nesta dinâmica, o ego sempre quer "sair por cima" da relação.

A possessão do amor não está ligada à manipulação das massas como ocorreu na Alemanha com a possessão de Wotan, mas a entregar-se à Totalidade. Talvez o poder esteja para o Ego assim como o amor está para o Self. Como diz Jung, o amor é para poucos e a aventura perpassa os três mundos gregos: é difícil, sinuosa e quase impossível como o submundo, e por isso mesmo, é tão reveladora como o Olimpo, e se passa no mundo mortal.

É curioso perceber que no decorrer de sua obra C. G. Jung aponta para o termo "constelação" de complexos ou de arquétipos, contudo, principalmente nestas obras que tocam a contemporaneidade, o autor pontua, mesmo que intuitivamente, a questão da "possessão" – não metafísica, mas trazendo as ideias

da mentalidade primitiva (participação mística) de Lévy-Bruhl, apesar de muitos autores contemporâneos, imbuídos pelo racionalismo, o desconsiderarem. Já C. Jung apropriou-se de suas ideias para demonstrar não uma mentalidade primitiva já superada, como muitos diriam, mas para entender, psicoantropologicamente, o modus operandi de uma recém-nascida consciência sentindo fortemente ainda a interligação do Inconsciente Coletivo e Pessoal, e que, dependendo da possessão arquetípica, poderia colocar os indivíduos afetados tanto em um contexto de poder como o da Alemanha Nazista quanto em um de amor.

Na psicologia analítica, a princípio, pode-se entender que indivíduos apaixonados acabam por projetar a/o anima/animus um no outro, criando variadas expectativas. Este é o primeiro e talvez inevitável passo no apaixonar-se. É o

momento em que aquela paixão inicial, como pathos, ou melhor, o "sofrer" e o "passar por" inicia-se e desfaz-se rapidamente. É como se a perfeição se apresentasse para o apaixonado e, repentinamente, numa quarta-feira comum, o parceiro aparecesse inteiramente imperfeito e irreconhecível. Este é o momento exato em que os apaixonados são colocados diante das portas de Hades, a fim de sair das expectativas mundanas e buscar a profundidade. Hoje, é neste momento em que os relacionamentos (amizades, namoros e casamentos) são abandonados, pois para mergulhar na profundidade é necessário abandonar tudo o que a humanidade contemporânea está extremamente agarrada: as personas, as redes sociais e suas plastificações.

Se os apaixonados abandonam tais cascas e vão em frente, eles encontrarão discussões, brigas e momentos de infe-

licidade. O olhar para dentro – para as explosões, implosões, expectativas e perspectivas egóicas – é crucial, pois descer às profundezas é confrontar-se com a sombra pessoal e coletiva. Como filho de uma época, no meu caso, é necessário me defrontar com o patriarcado e o machismo incrustado no meu ser, a fim de ganhar autonomia sobre ele. A luta é, portanto, coletiva e pessoal, para dentro e para fora, e por isso um casamento sempre é duplo: com a pessoa escolhida e a/o anima/animus.

Inversamente aos contos da Disney e aos filmes de comédia romântica, Eros revela-se somente quando Psiquê retorna do submundo de Hades e petrifica-se. Ou seja, é somente entregando-se às profundezas de todos os mundos, sofrer/passar por elas, queimar as mãos e arriscar tudo que o amor se revelará verdadeiramente.

Em síntese, como afirma Jung, o amor "custa caro e nunca deveríamos torná-lo barato". Parece que a contemporaneidade ainda está negociando com o amor, oferecendo imagens midiáticas, personas, dinheiro, etc. Não importa a quantidade destas que sejam ofertadas, o amor nunca se revelará enquanto o primeiro passo à profundidade e à entrega não for dado, ou seja, o amor custa amor e nada mais e por isso é tão caro.

7.
NINGUÉM PASSA ILESO

A vida passa e ninguém fica ileso. Seja por não usar filtro solar, seja por um término de relacionamento, seja por uma demissão inesperada. A vida prega peças – peças de chumbo pesadas em nossos pés.

Saindo um pouco do discurso mais popular daquela pergunta "você vive ou só sobrevive?", o que não está equivocado, seria muito bom almejarmos o viver em plenitude. Gostaria de ficar hoje imaginando a ideia do sobreviver.

Não sei no leitor, mas para este escritor aqui, não foi possível passar pelas guerras pessoais sem que um sobrevivente nascesse. Talvez ele já estivesse lá. Na

psicologia, pelo menos, entendemos que ele sempre esteve. Mas isso não importa. O que importa é que, ao longo dos conflitos da vida, ele acaba ganhando mais e mais espaço em nós.

A imagem do Wilson, do filme "Náufrago", é interessante pois seu rosto, sua personificação é feita com sangue – uma marca profunda que vem sempre te lembrar que o que está por vir é péssimo e perigoso.

O sobrevivente dentro de nós tende aos comportamentos compulsivos, obsessivos e paranoicos, afinal, ele precisa ser assim para pensar em tudo e todas as possibilidades de perigo para entregar para você. E ambos manterem o equilíbrio da psique. O problema é que a palavra equilíbrio não traz movimento. E o que seria da vida sem movimento?

Se possível ainda, ele encontrará as teses mais elaboradas, as razões últimas e fará os melhores PowerPoint para te provar por A + B que o caminho X ou Y fará com que você caia novamente na vala do sofrimento. Já o problema aqui é que sofrimento deveria ser entendido como "passar por algo" e isso nos faz ganhar consciência!

Contudo, o sobrevivente evita a todo custo que você passe novamente pelas guerras pessoais do passado. Ele gosta de você. Gosta tanto, que no menor indício de conflito, ele pede para você fugir. Ou melhor, ele insiste demasiadamente, até você não aguentar mais, acreditar nele e realmente fugir. E assim, tudo ficará bem!

Aquela frase "eu nunca mais me caso" é alguém convencido pelo seu sobrevivente.

Um término de relacionamento, por exemplo, em que o parceiro confessa "eu não tenho mais tesão em você", pode chegar diretamente aos ouvidos do sobrevivente. E com certeza, ele tomará atitudes.

Ele pode te convencer que o grande problema do relacionamento é você, o seu corpo, as suas medidas, a sua forma de provocar o parceiro, a performance no fazer amor, etc., acabando com a sua autoestima, convencendo que você não nasceu para se relacionar e talvez até para amar e ser amado. Afinal, dirá ele, você é melhor trabalhando do que em qualquer outra coisa, fique somente com o trabalho e fique confortável!

Assim ele começa a construir um muro entre você e o mundo. Ou o oposto também pode acontecer, no caso do relacionamento, o indivíduo e seu sobrevivente acabaram querendo compensar o

relacionamento antigo no novo – a falta de carinho, amor, tesão da experiência passada torna-se exagerada no novo relacionamento, mas de uma forma mecânica e sem alma. Tudo na tentativa de elaborar a falta de autoestima e o sentimento de inferioridade e evitar reviver aquela experiência traumática.

Você poderia perguntar-me: como você controla o seu sobrevivente? A única resposta que tenho agora é: eu não controlo. Eu o confronto. Ele lembra de tudo, só não lembra o conceito de tempo. Ele não percebe que ninguém se banha no mesmo rio duas vezes, como diria o velho Heráclito.

Isso faz, por enquanto, que eu tenha um argumento forte: "essa nova experiência não é a experiência traumática que você, sobrevivente, está me alertando. Mesmo assim, obrigado por me trazer

essas informações, continue o seu trabalho!". Logo depois, levo para a terapia.



Leonardo Torres é analista Junguiano. Doutor em Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista de São Paulo. Foi Bolsista CAPES PROSUP. É também mestre em Comunicação pela mesma universidade. No mestrado, foi gratificado com Bolsa da CAPES PROSUP - dedicação exclusiva. Foi representante discente no doutorado. Pós-graduado em Psicologia Analítica pelo Instituto Junguiano e Ensino e Pesquisa. E pós-graduado em Psicossomática pelo mesmo instituto. Possui graduação em Comunicação Social com ênfase em Publicidade e Propaganda pelas Faculdades Dom Bosco do Rio de Janeiro. Produziu eventos como TEDxAEDB, IX Simpósio da ABCiber e VI ComCult. Pesquisa o imaginário técnico e tecnológico, a tecnossacralidade e suas relações na sociedade e na cultura. E também, pesquisa o Contágio Psíquico e Imaginário. É membro do Grupo de Pesquisa Mídia e Imaginário. E ainda, é/foi docente na pós-graduação e na graduação em Universidades de São Paulo.